

MEMÓRIA E DISCURSIVIDADES SOBRE O CORPO: SENTIDOS DE/SOBRE A VIOLÊNCIA EM CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS

*MEMORY AND DISCURSIVITIES ABOUT THE BODY: MEANINGS OF / ABOUT
VIOLENCE IN ADVERTISING CAMPAIGNS*

Fernanda Surubi Fernandes²²

Resumo: Este estudo tem como objetivo compreender o funcionamento discursivo da violência contra a mulher materializada no corpo, a partir das análises de campanhas publicitárias que abordam essa problemática. Assim, apresentamos as noções sobre corpo a partir de Orlandi (2012), Ferreira (2013), Foucault (2008), Souza (2010), Lacan (1998), para, nesses materiais, observarmos de que modo o corpo é significado na/pela violência. A partir dos conceitos de discurso, corpo, formação imaginária da Análise de Discurso de linha francesa, realizamos nosso dispositivo teórico e analítico para assim recortar e analisar as campanhas: 1. “Noiva”, 2. Uma campanha do Egito, recortada de uma seleção de notícias retiradas de circulação; para compreendermos como a violência contra a mulher é materializada numa relação entre corpo, sujeito e discurso. Concluiu-se, portanto, que o corpo, nesse caso, é símbolo de poder, de repressão, pois os distintos modos de marcar a violência se confrontam com uma sociedade constituída por uma memória sobre a condição da mulher, marcada na sua culpabilização pela violência sofrida, e interdita em seus desejos, vontades em sua própria identidade, marcada pelo/no corpo.

Palavras-chave: Discurso. Interdição. Mulher.

Abstract: *This study aims to understand the discursive functioning of violence against women materialized in the body, based on the analysis of advertising campaigns that address this issue. Thus, we present the notions about body from Orlandi (2012), Ferreira (2013), Foucault (2008), Souza (2010), Lacan (1998), in order to observe in these materials how the body is signified in / for violence. Based on the concepts of discourse, body, imaginary formation of Discourse Analysis of the French line, we carried out our theoretical and analytical device to cut and analyze the campaigns: 1. “Noiva”, 2. A campaign from Egypt, cut from a selection news withdrawn from circulation; to understand how violence against women is materialized in a relationship between body, subject and discourse. It was concluded, therefore, that the body, in this case, is a symbol of power, of repression, since the different ways of marking violence are confronted with a society constituted by a memory about the condition of women, marked in their*

²² Doutora em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Docente da Universidade Estadual de Goiás – UEG. E-mail: fernanda.fernandes@ueg.br

blaming for violence suffered, and forbidden in his desires, wills in his own identity, marked by / in the body.

Keywords: *Discourse. Interdiction. Woman.*

É no esquecimento que se movimentam os sentidos, e não no já-dito, lembrado e arquivado, já significado. Na presença, o [...] corpo memória, aflui e significa. (ORLANDI, 2017, p. 74).

Sobre discurso, memória e corpo

Este estudo apresenta o olhar sobre o corpo compreendido como objeto discursivo. Ou seja, trata-se de apreender o corpo em sua materialidade significativa, saindo da concepção de um corpo empírico para um corpo discursivo, posto em funcionamento a partir de discursividades atravessadas por questões ideológicas, sociais e históricas, para isso, analisamos campanhas publicitárias sobre a violência contra a mulher, observando os processos de constituição de sujeitos e de sentidos, tomando o corpo em sua relação com a violência.

Assim, com base nos estudos da Análise de Discurso de linha francesa, iniciada por Pêcheux, na França, e divulgada e ampliada por Orlandi, no Brasil, a partir dos conceitos de discurso, corpo e formações imaginárias constituindo o dispositivo teórico e analítico, realizamos a análise sobre a violência e corpo nas campanhas selecionadas: 1. Uma campanha internacional de combate à violência contra a mulher, denominada *Noiva*; 2. Uma campanha do Egito sobre estupro, que foi retirada de circulação devido ao seu cunho violento.

Para essa análise, apresentamos a noção de corpo a partir de diferentes autores, começando por Sohn (2011). O processo histórico de constituição do corpo é trazido por Sohn (2011), quando afirma que, a partir do século XX, o corpo sexuado foi objeto de cuidados. “Cada um o exhibe, o corpo está onipresente no espaço visual, ocupa igualmente um papel sempre maior nas representações tanto científicas como midiáticas.” (SOHN, 2011, p. 109).

Discutir sobre o corpo é ampliar o olhar sobre seu processo de significação, que se constitui a partir da/na memória e da/na atualização dos sentidos, isto é, seguindo esse processo, trata-se do modo como o funcionamento da memória (eixo do interdiscurso) se materializa no eixo da formulação (intradiscurso), pois

[...] é na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde). Momento de sua definição, materialização da voz em sentido, do gesto da mão em escrita, em traço, em signo; do olhar, do trejeito, da tomada do corpo pela significação, e, por seu lado, os sentidos tomando corpo (ORLANDI, 2017, p. 33).

Nesses modos de formular, em que o interdiscurso atravessa o intradiscurso, o sujeito que formula é marcado por seus modos de subjetivação, assim é afetado pela memória do dizer, a memória de sua constituição como posição sujeito do/no dizer. Nesse funcionamento, a memória diz do modo como cada sujeito é tocado, neste estudo, pelo dizer sobre o corpo e a violência contra a mulher, traduzindo, na sua dimensão intradiscursiva, o dizer da violência e da condição feminina.

Essa diferença no dizer, esse modo distinto de inscrição na memória é dado pelo atravessamento da ideologia, que instala sujeitos e sentidos. A ideologia, compreendida como efeito de evidência (ORLANDI, 2007), em que se produz nas relações entre o interlocutor e o interdiscurso, ou seja, a partir de suas crenças, seus processos de constituição atravessados pelo social e histórico, assim, conforme Orlandi (2007), a partir daquilo que foi dito anteriormente, em outro lugar, de forma independente.

O conceito de formação imaginária é relevante, portanto, para apresentar o modo de visualizar essas relações pelas formações ideológicas que materializam nas formações discursivas os sentidos sobre a mulher, o corpo e a violência.

Pêcheux (2010a) compreende o discurso como efeito de sentidos entre interlocutores, nessa perspectiva, as formações imaginárias fazem funcionar, nos processos discursivos, as relações entre sujeitos e sentidos, ou seja, cada sujeito atribui a si e ao outro uma ou mais imagem que é/são projetada/s em condições de produção específicas. “Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente

definíveis) e as posições (representações dessas situações)” (PÊCHEUX, 2010a, p. 81-82).

Trata-se de uma constituição imaginária que não envolve o indivíduo físico, mas sua projeção enquanto sujeito do discurso, assim, as formações imaginárias compreendem as imagens que o sujeito faz de si, a imagem que ele faz para quem ele fala, a imagem que o outro faz de si etc. É um modo de visualizar as posições discursivas, postas em visibilidade nas/pelas relações sociais, em que o sujeito busca antecipar o que o outro fala, dependendo da sua posição, das relações de poder e de sentido estabelecidas.

Esse entendimento, que constitui as formações imaginárias, coloca o corpo também como uma projeção imaginária, assim, não se fala do corpo empírico, mas de sua projeção. As projeções imaginárias acerca do corpo fazem com que uma pessoa que sofre de anorexia, por exemplo, tenha uma projeção imaginária do seu corpo como obeso, quando, empiricamente, ele é esquelético e marcado por traços de magreza comuns à doença, esse modo de visualização é constituído na relação entre os sujeitos, nas relações de força e de sentido, remontando às condições de produção que o instala.

Nessa relação, Souza (2010) discute sobre a passagem da carne para o corpo-discurso, compreendendo que há uma discursivização do corpo que constitui o sujeito e também o corpo mutuamente, funcionamento que ocorre pela ideologia que interpela sujeito e corpo. Segundo o autor, esse efeito se dá como algo enraizado na carne “[...] aparecendo aos olhos o corpo-discurso – um corpo simbólico. Sua materialidade se dá na individualização pelo Estado, na injunção ao Direito e no sentimento de ser alguém – um eu que é cidadão e vive sob os auspícios da lei” (SOUZA, 2010, p. 6).

Já Lacan (1998) formula a noção imaginária de corpo por um funcionamento que o autor denomina de “estádio do espelho”, no qual, pelas experiências sociais do sujeito, há a “[...] passagem do eu especular para o eu social” (LACAN, 1998, p. 101), em um processo que constitui o sujeito por sua relação com o corpo físico.

Para o autor, as formações imaginárias sobre o corpo começam desde a infância, quando a criança, mesmo não possuindo capacidade cognitiva para desenvolver a fala, a compreensão da língua etc., se reconhece no espelho, pois a imagem especular é algo que

[...] repercute, na criança, uma série de gestos em que ela exprime ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu meio refletido, e desse complexo virtual com a realidade que ela reduplica, isto é, com seu próprio corpo e com as pessoas, ou seja, os objetos que estejam em suas imediações (LACAN, 1998, p. 97).

É pelo estádio do espelho que ocorre um processo de identificação da criança com sua imagem especular, que, por ser uma imagem refletida, pode ser o outro, a mãe. Essa imagem especular se coloca como um lugar no mundo visível que permite projeções do corpo em vários modos de manifestação, como se fosse a representação de um sonho, no qual o corpo às vezes aparece em partes, fragmentado, esfacelado, manifestando-se como uma forma de projeção heterogênea do corpo.

O funcionamento de uma imagem mental para o corpo pode ocorrer de várias formas, pois, conforme defende Násio (2009, p. 8), é através das sensações que o sujeito se identifica com a realidade, assim, esse modo de identificação, essa representação é chamada pelo autor de “[...] de imagem mental do corpo. [...] toda sensação percebida imprime inevitavelmente sua imagem, toda sensação real é necessariamente duplicada por uma virtualidade”.

Conforme o autor, essa imagem dupla ocorre como uma projeção de uma imagem exata ou quase igual a uma original, pois, corroborado por Lacan (1998), apresenta três formas de representação do corpo: a real, a imaginária e a simbólica, pelas quais

[...] o corpo real é o corpo que sinto, que o corpo imaginário é aquele que vejo e que o corpo simbólico é, ao mesmo tempo, meu corpo simbolizado, ele próprio símbolo e, acima de tudo, significante, isto é agente de mudanças operadas em minha realidade somática, afetiva e social (NÁSIO, 2009, p. 75).

Essas definições são projeções do corpo, assim, o corpo real se baseia nas sensações, no desejo, no gozo, colocando em funcionamento o quanto corpo é constituído pelas formações imaginárias do sujeito, produzindo sentidos.

Para Orlandi (2012), o corpo já vem significado pelas formações imaginárias, que o tomam como um corpo ocidental ou oriental, como belo ou feio, como homem, mulher ou homossexual, a partir de sentidos já dados, cristalizados, estabelecidos.

Outro olhar sobre o corpo é apresentado por Foucault (2008, p. 118). Para o teórico, a noção de docilidade dos corpos, ou os corpos dóceis, visa observar que “[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”, assim, o corpo é interpelado, desde cedo, pelas instituições que o constitui.

Assim, para Foucault (2008), a interpelação se dá pelas instituições, sendo expressa por mecanismos que colocam em funcionamento as relações de poder ou “mecanismos do poder”, constituindo os sujeitos, e, portanto, seus corpos a partir de novas formas de saber. Trata-se, então, de um poder-saber manipulado por uma autoridade que condiciona o corpo a ser útil, sendo submetido, moldado, condicionado para o uso, principalmente, pela inscrição do sujeito à formação discursiva capitalista, que é, conforme Orlandi (2012), um modo histórico que ata o corpo do sujeito ao corpo social.

O funcionamento do corpo, marcado como compreensão teórica da Análise de Discurso, coloca-o como um objeto simbólico, portanto, discursivo, no qual o funcionamento ideológico o constitui na relação com (O)outro.

Nas palavras de Ferreira (2013, p. 78),

[...] o corpo surge estreitamente relacionado a novas formas de assujeitamento e, portanto, associado à noção de ideologia. Mais do que objeto teórico o corpo comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constituem. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. Corpo como lugar do invisível e do visível.

Ou seja, é pelo/no corpo que os sentidos são materializados de modo a constituir sujeitos e sentidos. Assim, tomamos o corpo como linguagem, que (se) significa de acordo com as conjunturas sociais e históricas dadas. Daí os deslocamentos que o corpo/linguagem produz, instalando sentidos que o tomam como pecaminoso, luxurioso

ou como objeto tido como cristalizado, docilizado por uma dada forma de disciplina (FOUCAULT, 2008).

Já Ferreira (2013) busca compreender o corpo, a partir de Lacan, ou seja, como um efeito da linguagem, como constituído a partir de um processo de significação que se dá pelo/no discurso, que, tal como afirma Orlandi (2012), é um processo que trabalha a ideologia, que pode ser compreendida através da materialidade específica do discurso, ou seja, observa-se “[...] o corpo em sua materialidade significativa enquanto corpo de um sujeito” (ORLANDI, 2012, p. 85), que é interpelado pela ideologia que o afeta e o constitui, a partir de sua materialidade significante.

Enquanto Orlandi (2012), ao analisar a dança, toma-a como discurso, como sentido, do mesmo modo que tomamos o corpo violado como corpo significado pela violência, como corpo-violência, portanto, a violência como discurso.

Não há corpo que não seja investido de sentidos, e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais para a forma com que ele se individualiza, assim como o modo pelo qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos, enquanto forma sujeito histórica (ORLANDI, 2012, p. 93).

Diante desses apontamentos sobre corpo, buscamos compreender a violência nos seus modos de significação e nos seus processos de identificação, que se materializa no corpo do sujeito, corpo também simbólico em nossa análise.

Sobre mulher, corpo e violência

O corpo feminino tem sido objeto de análise constante, pois foi, desde sempre, constituído como submisso, mas também marcado como resistência. O confronto entre submissão e resistência constituiu/constitui a história das mulheres e do seu corpo. Corpo que pode ser preso, que pode ser violado, ferido, marcado e assujeitado, mas que pode lutar, se defender, reagir, pois, “[...] não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’”. (PÊCHEUX, 2009, p. 281).

Esses modos de conceber o corpo decorrem da sua história de constituição e do funcionamento daquilo que imaginariamente a ideologia construiu para os corpos humanos.

O corpo feminino foi tomado na história por um processo de contradição: corpo velado, corpo desvelado; corpo submisso, corpo resistência. Segundo Sohn (2011), a partir de 1900, a mídia de certa forma dessacraliza o corpo feminino, mostrando mulheres em espartilhos sedutores, o que em um dado momento produz efeitos de uma evolução do corpo feminino, que antes era velado, escondido e que passa a ser exposto. Contudo, esse processo de evolução só faz reforçar sentidos de objetificação da mulher pelo corpo.

Discussões, sempre nesse batimento, ocorreram/ocorrem, pois no século XX, segundo a autora, a pornografia ganhou corpo, mostrando corpos jovens, perfeitos. Nessa ocasião, “[...] o debate sobre o lugar atribuído à mulher, submetida ao desejo masculino, mas também administrador dos prazeres [...]” (SOHN, 2011, p. 117) continua em discussão. Por um lado, o grupo feminista combate a pornografia, considerada machista, por outro, mulheres assumem esse lugar e se apropriam do gênero pornográfico para produzirem livros e filmes que debatem sobre a vida sexual da mulher²³.

Nessa direção, em “O corpo no cinema”, Baecque (2011) apresenta um olhar sobre o corpo feminino como tentador, sedutor, a mulher fatal, em que corpo da mulher fatal é algo que “[...] flutua na aura da mera aparência. Desde suas origens, o cinema acolhe esse ícone sensual e cerca com um escrutínio incandescente essa mulher que oscila entre a inocência e o escândalo” (BAECQUE, 2011, p. 489). Oscilação que ocorre entre a mulher fatal e a mulher boa moça, projeções imaginárias que figuram a constituição da imagem feminina em diferentes discursividades.

O corpo da mulher se constitui nesse processo interpelado pelos modos como a violência se dá, pelo modo como é materializada, ressignificando tanto a mulher quanto a violência nas/pelas práticas sociais. Assim, temos, o corpo feminino, corpo em que

²³ Exemplos citados por Sohn (2011) são a discussão sobre a obra *A vida sexual de Catarina M.* em que Catherine Millet narra sua vida sexual; e o filme *Baise-moi*, de Virginie Despentes, baseado no livro homônimo, que apresenta duas mulheres que, constituídas pelo/no sexo e também na/pela violência, viram assaltantes e assassinas, cometendo vários delitos de cidade em cidade.

ocorre a violência, tomado como objeto de humilhação, de reprodução, de poder, que se significa, se textualiza em distintos sentidos que circulam na sociedade, pois a violência como discurso se textualiza no corpo do sujeito-mulher.

Nessa direção, buscamos analisar o funcionamento histórico-ideológico do corpo como espaço de materialização da violência em campanhas publicitárias, que apresentam, portanto, relações com o corpo, postas em funcionamento na/pela violência praticada contra a mulher.

Observamos que a violência esteve materializada em diferentes discursividades, ou seja, diferentes materiais em que se compreende a relação entre a língua, a história e os sujeitos, pois “[...] são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (ORLANDI, 2007, p. 21). Essas discursividades marcam a mulher na relação com sua identidade e com o “seu” corpo. Condição nem sempre clara, pois a naturalização da sujeição do corpo feminino também se constitui nessa relação entre história e ideologia, produzindo seus efeitos.

Nessa relação, falar sobre a violência contra a mulher é dizer de um lugar no qual a língua pode significar na sua relação com a estrutura linguística e a história, marcando o acontecimento discursivo, pelo qual o sujeito se identifica, colocando em funcionamento uma memória que o constitui, através dos sentidos produzidos e dos sentidos silenciados, que também o significam.

Assim, analisar os sentidos de violência é algo que marcou/marca a constituição da imagem da mulher como ser frágil, dominada pela força física do homem, um corpo interdito²⁴, um corpo violentado, em paralelo à resistência e à luta.

A maneira como a violência é significado coloca em funcionamento sentidos de dominação, caracterizados pelo prazer de humilhar, de sodomizar o outro, numa relação de poder, constituindo sentidos marcados pela relação com as formações imaginárias sobre a condição feminina, formações que constituem a relação com o corpo na/pela violência.

²⁴ Considera-se, na contemporaneidade, que a mulher é sempre interpelada por um processo de interdição que dita os modos do comportamento, pois, havendo uma interdição de dizer, há também a do fazer e do significar.

Violência contra a mulher: processos de contradição

Uma história que se repete na atualidade, pois são frequentes as ocorrências de violência doméstica, de feminicídio, em que o próprio (ex) companheiro é o agressor. Nessa direção, a campanha “Noiva” apresenta-nos, pela contradição, o verdadeiro sentido de uma união afetiva. O que é um casamento? Tem de ser "até que a morte nos separe" quando nele não se encontra companheirismo e proteção?

O dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, foi usado, em vários países, para o lançamento de uma campanha internacional de combate à violência contra a mulher, denominada *Noiva*, lançada em toda Europa, no dia 25 de novembro de 2012, que passou a ser considerado o Dia Internacional para a Erradicação da Violência Contra a Mulher.

O Brasil é um dos países que encamparam a campanha, assim, a maioria dos Estados, apoiada pelo Ministério Público Estadual e pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), lançou a campanha “Noiva”, que, como em todo o mundo, é trazida à cena em razão de uma contradição que lhe é constitutiva.

A contradição a que nos referimos diz respeito ao casamento, que, tradicionalmente, sela a união afetiva entre um homem e uma mulher, através de um pacto realizado entre os noivos, a sociedade e Deus. Nesse pacto assume-se a união como definitiva e só apartada pela morte: “até que a morte nos separe”.

Dessa forma, “[...] corpo do sujeito e corpo da linguagem não são transparentes. São atravessados de discursividade, isto é, de efeitos desse confronto, em processos da memória que tem sua forma e funciona ideologicamente” (ORLANDI, 2005, p. 10), o casamento é, então, uma forma de contrato em que o casal se compromete a uma vida de companheirismo e de proteção mútua entre um homem e uma mulher.

Contudo, o que a campanha mostra é que o que é pactuado nem sempre é respeitado entre as partes, dando visibilidade a uma forma de violência que muitas vezes se inicia antes mesmo do casamento, uma violência que, mais uma vez, dá visibilidade à sobredeterminação do corpo masculino sobre o feminino.

Nessa direção, apresentamos a campanha abaixo:

A naturalização da violência de gênero

10.08.2015 | Bruna de Lara



Figura 1

Campanha *Noiva* de combate à violência doméstica²⁵



Figura 2

Campanha *Noiva* de combate à violência doméstica²⁶

A campanha, das Figuras 1 e 2, trabalham com a linguagem viso-verbal (ORLANDI, 1998) dando visibilidade a uma forma de relação de “imbricação material” (LAGAZZI, 2009), muito própria do marketing e da propaganda, que coloca em funcionamento sentidos sobre uma dada memória histórico-ideológica que constitui o casamento cristão.

Na Figura 1, a imagem, que se constituiu conforme as especificidades de um casamento, é a de um casal prestes a se casar ou recém-casado. A imagem é dividida ao meio, sendo que o primeiro quadro mostra aquilo que a memória do dizer conforma sobre o casamento: um casal de noivos, vestidos como tais, aparentando felicidade, ou seja, em um primeiro momento da imagem temos a conformação da felicidade, do companheirismo, do amor, da proteção e do respeito mútuo que todo o casamento suscita. Essa imagem condiz, então, com a constituição imaginária sobre o casamento, principalmente dos recém-casados, projetando a ideia de total e permanente felicidade.

Essa projeção da imagem atravessa essas condições, tal como o estádio do espelho de Lacan, em que desde de criança projetamos uma imagem que se coloca e significa no social, assim, a imagem da mulher, na campanha, está atrelada ao casamento,

²⁵ Fonte: Não me Kahlo. Disponível em: <http://www.naomekahlo.com/single-post/2015/08/10/A-naturaliza%C3%A7%C3%A3o-da-viol%C3%Aancia-de-g%C3%AAnero>. Acesso em 29/04/18

²⁶ Fonte: O Progresso Digital. Disponível em: <http://www.progresso.com.br/caderno-a/brasil-mundo/violencia-contra-a-mulher-ganha-campanha-mundial>. Acesso em 06 out. 2018.

como lugar/forma de felicidade, formando uma identidade na relação histórica e social, como esposa, mãe, dona do lar etc., esse modo de olhar é projetado pelas formações imaginárias que a constituiu e constitui, marcando no casamento como um momento importante não só para a mulher, mas para todo um escopo social calcado na noção de família tradicional.

Esse modo de olhar presente no primeiro quadro, muda no segundo, pois contrapõe-se a memória produzida pelo primeiro, fazendo circular uma outra: a da violência e de dominação do corpo masculino sobre o feminino, pois a segunda imagem dá visibilidade ao quanto a constituição imaginária de felicidade pode ser enganosa, pois mostra os mesmos noivos, agora de costas, porém, o noivo segura o braço torcido da noiva, um braço que, pelo modo como é segurado e pelas marcas escuras e hematomas, faz funcionar uma violência de gênero, anterior ao próprio casamento, pois se compreende que a “[...] violência contra a mulher carrega um estigma como se fosse um sinal no corpo e na alma da mulher. É como se alguém tivesse determinado que se nem todas as mulheres foram espancadas ou estupradas ainda, poderão sê-lo qualquer dia desses.” (TELES, MELO, 2003, p. 11).

O recurso de mostrar, numa mesma imagem, situações tão diversas – de felicidade e de violência física – sobre o mesmo casal de noivos, serve como metáfora daquilo que aparenta – a imagem de frente dos noivos – e aquilo que se esconde – que está atrás, que está nas costas.

A visão dos dois quadros da mesma imagem faz, contudo, que voltemos o olhar para a primeira imagem e que comecemos a procurar nela traços que indicam a infelicidade expressa no segundo quadro, pois o segundo quadro impõe novos gestos de interpretação sobre o primeiro: será que o sorriso da noiva é pleno, natural, ou é algo forçado, de modo a tentar esconder a recorrência de agressões físicas? São nas marcas do corpo que os sentidos são produzidos, não apenas enquanto corpo físico, mas corpo social, interpelado por condições históricas e sociais sobre a mulher, casamento e também da violência doméstica, sentidos que circulam a partir das imagens.

A relação de aparência do primeiro quadro, desmontada pelo segundo, faz funcionar a memória cristalizada em um dito popular: “em briga de marido e mulher

ninguém deve meter a colher”, ou seja, a memória histórica de que um casal não deve aparentar os problemas, as violências ocorridas, para que ninguém venha a se meter. Nesse caso, manter a aparência de que tudo está bem, silencia as agressões sofridas no lar, pelo companheiro. São contra esses sentidos cristalizados que campanhas se colocam contrárias aos ditos populares, que naturalizam o processo de imposição do masculino sobre o feminino.

Nessa direção, Teles e Melo (2003, p. 19) alertam sobre a própria forma de denominar as campanhas, que funcionam já como uma naturalização dos sentidos de que a força masculina justifica a violência contra as mulheres:

A própria expressão “violência contra a mulher” foi assim concebida por ser praticada contra a pessoa do sexo feminino, apenas e simplesmente pela sua condição de mulher. Essa expressão significa a intimidação da mulher pelo homem, que desempenha o papel de seu agressor, seu dominador e seu disciplinador. (TELES; MELO, 2003, p. 19)

Na Figura 2, da Campanha “Noivas”, temos a formulação: “Até que a morte nos separe”, que se coloca em contradição com a imagem da noiva, agredida fisicamente. Trata-se de uma agressão visível, marcada no corpo, o que se coloca em contradição com os dizeres do cartaz, que diz do pacto, diz do contrato de cuidados, amor e respeito que o casamento naturaliza, mas ao mesmo tempo joga com a possibilidade da morte, não de forma natural, mas da(s) violência(s) que podem vir a ocorrer, pois na imagem da noiva, em seu rosto ferido, já se encontram as marcas da violência antes do casamento, produzindo efeito de continuidade após o casamento e assim a possibilidade da violência levar à morte da mulher.

Observamos, portanto, como as marcas no corpo físico da mulher fazem parte também das marcas que constituem seu processo imaginário de identificação, então, violar o corpo físico significa também violar os modos de constituição, a identidade corpórea. São projeções que colocam o sujeito numa relação necessária com o corpo, daí a violência e as relações sociais, que constituem a violência de diferentes modos,

constituírem-se como pecado, como dominação, como crime etc., a depender de cada posição sujeito.

A agressão, naturalizada como é, naturaliza também o estupro que se constitui nessas relações de força e de poder da figura masculina, afinal “os deveres matrimoniais” incluem o sexo, assim, a violência física pressupõe a sexual, com toda a culpabilização da vítima. Esse funcionamento é visualizado na Campanha do Egito, esta campanha foi selecionada entre outras numa lista de propagandas de cunho violento contra a mulher:



Figura 3

Campanha veiculada pelo governo do Egito contra o estupro²⁷

A propaganda veiculada pelo governo egípcio afirma “Você não pode parar, mas pode proteger-se”, e junto do dizer, a imagem em dois quadros: o primeiro o de um pirulito encapado, que evita o ataque das moscas, e no segundo quadro, um desencapado e coberto de moscas.

Na campanha, a naturalização do estupro está dada desde a formulação, quando afirma que a mulher não pode parar um ataque, um estupro, mas pode se proteger, ou seja, pode vestir-se²⁸, encapar-se, de modo a não despertar o desejo, a excitação

²⁷ Fonte: Exame. Disponível em: <https://exame.com/marketing/15-anuncios-acusados-de-promover-a-violencia-contra-a-mulher/> Acesso em 21 maio. 2021.

²⁸ No Egito atual, de maioria muçulmana, as mulheres nos grandes centros, usam roupas comuns, se maquam e usam um lenço na cabeça. Contudo, nas cidades pequenas e nos povoados, encontram-se mulheres que ainda usam *abaias* ou *galabeyas* (espécie de vestido preto de mangas compridas) e às vezes até as *burkas*.

masculina, pois os homens egípcios atacam, tal como moscas, as mulheres que não se vestem com recato.

Novamente o corpo se significa além da sua figura física, mas na relação com o histórico e social, que envolvem os papéis sociais atribuídos à mulher, projetando uma dualidade constitutiva entre a mulher, pois na Figura 03, a imagem dos dois pirulitos metaforiza a mulher “certinha”, de acordo com o que se exige pela sociedade patriarcal, que, tal como o pirulito do primeiro quadro, permanece sempre encapada, vestida; e a mulher devassa, a mulher que se oferece ao ataque das moscas, uma vez que expõe seu corpo, sensualiza e, portanto, “procura” ser estuprada, como a representada pelo pirulito do quadro dois, um pirulito aberto, pronto, vulnerável ao ataque das moscas.

Assim, vemos em funcionamento a culpabilização da ocorrência da violência contra as mulheres, que, em razão do seu modo de vestir, incitam os homens, em outras palavras, a proteção contra o estupro é de responsabilidade da própria mulher, que, de acordo com o que veste, com o como se comporta pode se proteger de um mal, de uma violência, naturalmente dada.

Os modos de sujeição vão desde atribuir a culpa da violência à vítima, a justificar a violência, pois “numa sociedade violenta, não se deve se colocar em risco”. Formação imaginária que constitui os modos de comportamento para evitar a violência. Um risco atribuído não só a figura feminina, mas também aos grupos, que são condicionados a uma relação de submissão, em uma sociedade constituída de forma patriarcal.

Acusar a mulher, responsabilizá-la pela violência que historicamente se fez sobre ela é desresponsabilizar-se, por parte dos governos, e é naturalizar o desejo de violência masculina sobre o corpo feminino, um ataque tão naturalizado que o governo egípcio assume como impossível de parar, assim o (não) ataque depende exclusivamente da mulher. É um processo de culpabilização, que serve também para silenciar a mulher, pois, se ela vai ser culpada da violência sofrida, por que então denunciar? Ou seja, é uma forma de repressão tão forte, marcada historicamente, pelo modo como o estupro marca na/para a sociedade, muito mais a mulher estuprada, do que o estuprador, assim fica

vergonha pelo estupro e o silenciamento de poder dizer sobre ele para poder exigir seus direitos.

Se toda a questão do estupro se ligasse à vestimenta da mulher seria fácil resolver essa forma de violência, contudo, a imagem dos dois pirulitos metaforiza bem as relações históricas entre homens e mulheres, relações que naturalizam a ação do estupro e culpabilizam a vítima.

Outra questão é o modo como o corpo feminino é reificado ao ser retratado por dois objetos, dois pirulitos. Esse modo de visualização condiciona à mulher a um mero objeto, silenciando sua identidade, sua constituição histórica e social, como também silenciando toda a memória sobre a violência contra a mulher, sobre seu corpo, seu comportamento, assim, interdita a mulher pela sua objetificação, as ações e vontades da mulher, comparada a pirulitos, objetos que também possuem uma projeção fálica.

Considerações finais

O corpo, compreendido em seu processo de significação, projeta sobre a mulher e a violência sentidos de interdição, marcadas no/pelo seu corpo, corpo-violado, corpo-submetido, por posições históricas e sociais, que, mesmo na mudança social que se apresenta, ainda produz efeitos sobre o comportamento feminino.

Na campanha *Noiva*, as figuras 1 e 2, materializam a violência doméstica, marcada no corpo feminino pelos hematomas no braço e rosto, como pelo braço torcido. Essas marcas projetam no físico, a posição sujeito histórico e ideológico, passa-se da carne para o discurso, os efeitos projetados se dão nessa relação entre o corpo e a história, materializando a violência contra a mulher em contextos familiares e na história, pois ainda é olhar sobre a mulher como propriedade que é ressignificado no casamento, pela violência.

Na segunda campanha, o corpo feminino é metaforizado pela imagem do pirulito, ou seja, é objetificado, analisado como se as condições sociais e históricas sobre a violência não existissem, são silenciadas, para colocar em evidência a culpabilização da vítima. O corpo, nesse caso, é símbolo de repressão, pois, os distintos modos de marcar a

violência se confrontam com uma sociedade constituída por uma memória sobre a condição da mulher, como ao mesmo tempo vulnerável, como a que deve se cuidar, não deixar transparecer outros efeitos, interditando-a em seus desejos, vontades em sua própria identidade, marcada pelo no/corpo, pois culpa o seu modo de vestir, este provocaria a pela violência sofrida, apagasse o estuprador nesse processo.

Esse modo de projeção imaginária, que é também histórica e social, confere à posição sujeito-mulher um estado de permanente contradição e equívoco, entre ser ou não ser, entre ter ou não ter, entre desejar e não desejar. Ou seja, o modo como as campanhas projetam em seu corpo a violência também ressignifica as marcas históricas sobre a condição da mulher, como propriedade, como objeto. Entretanto, nas campanhas temos também efeitos de resistência. A campanha “Noivas”, serve para elucidar como a violência pode ser silenciada, e convoca a mulher e todos a denunciar, projetando que a violência doméstica não deve ser naturalizada. Já a campanha do Egito, projeta valores patriarcais e machistas sobre a mulher e seu corpo, porém, o fato de ser uma campanha retirada de circulação pelo seu teor violento, faz com que haja perspectivas de mudança no modo como a violência contra a mulher, e a relação com o seu corpo, estão sendo compreendidas, mesmo, ou talvez por isso, sendo constituída por uma memória histórico e social de valores sexistas.

REFERÊNCIAS

BAECQUE, Antoine. O corpo no cinema. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar – o século XX. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 481-508.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O corpo como materialidade discursiva. **REDISCO**. Vitória da Conquista, v. 2. N.1, 2013. p. 77-82.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo da memória. INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MIITMAN, Solange (Orgs.) **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 65-78.

NASIO, Juan David. **Meu corpo e suas imagens**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

NUNES, José Horta. “Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas”. In: **Letras**, Santa Maria. V. 18, jul./dez. 2008. p. 107-124.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia**. 2. Ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Eu, tu e ele**. Discurso e real da história. Campinas: Pontes, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010a. p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel. Questões iniciais. In: CONEIN, Bernard *et. al.* **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. p. 17-22.

SOUZA, Levi Leonel de. O discurso encarnado: ou a passagem da carne ao corpodiscurso. **Entremeios: revista de estudos do discurso**. v.1. n.1, jul. 2010. p. 1-9.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar – o século XX**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 109-154.